

Nascidos da urgência: reflexões midiáticas sobre a luta curda¹

Juliana Santoros MIRANDA²
Jamer Guterres de MELLO³

Universidade Anhembi Morumbi (UAM), São Paulo, SP

RESUMO

Este artigo levanta reflexões sobre o documentário *Nascidos da urgência: Rostos da linha de frente contra o ISIS*⁴, dirigido pelo fotógrafo e diretor independente canadense Joey L., partindo de contextualizações acerca da questão curda e conceitos sobre as novas relações de troca de informação provenientes do mundo globalizado e suas mudanças tecnológicas e culturais. O objetivo é avaliar de que forma o filme apresenta a situação geopolítica do Curdistão, especialmente a linguagem, recursos visuais, sonoros e narrativos como um todo, adotados pelo diretor, sendo um exemplo de produto audiovisual típico das novas tecnologias e mídias, tanto no sentido de produção e estilo quanto em relação à sua viabilização.

PALAVRAS-CHAVE: Curdistão; Estado Islâmico; documentário; novas mídias.

INTRODUÇÃO⁵

Considerados “a maior nação sem Estado do mundo” (VÁZQUEZ, 2017, p. 35), o povo curdo é um grupo étnico diverso de aproximadamente 36 milhões de pessoas (NAVARRO, 2018). Apesar de, em termos quantitativos, não ser uma minoria, a população curda é pautada com baixa frequência na mídia ocidental, além de ser associada a definições distorcidas (como a de organização terrorista), partindo do fato de que tal sociedade apresenta modos alternativos de vida e de organização política, além da grande relevância para toda a comunidade internacional no combate ao Estado Islâmico.

¹ Trabalho apresentado no GP Estéticas, Políticas do Corpo e Gêneros, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM), graduada em Comunicação Social (Jornalismo) pela Universidade Anhembi Morumbi. E-mail: julianasantorosmestrado@gmail.com.

³ Docente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM), doutor em Comunicação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGCOM-UFRGS). E-mail: jamermello@gmail.com.

⁴ Título original: *Born From Urgency - Faces from the Frontline Against ISIS*.

⁵ Este artigo é parte dos resultados do trabalho que vem sendo desenvolvido pelo GRUPIC – Grupo de Pesquisa Imagens em Conflito: Estética e Política no Cinema do Oriente Médio, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi (PPGCOM-UAM), sob coordenação do Prof. Dr. Jamer Guterres de Mello.

Nesse contexto, *Nascidos da urgência: Rostos da linha de frente contra o ISIS*, filme lançado em 2017, apresenta-se como um importante material de cunho documental, histórico e social, sobretudo por ser realizado de maneira independente e não se sujeitar ao viés comumente distorcido em coberturas das mídias tradicionais. Justamente por se tratar de um assunto pouco disseminado, até mesmo a disponibilização da obra se fez possível devido a coletivos autônomos e de atuação política, cujo interesse se encontra nos modos de organização curda, que resiste ao capitalismo e ao imperialismo. O Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo explica que:

As legendas em português foram criadas por militantes colaboradores na solidariedade à resistência popular curda no Brasil. A intenção é apoiar a difusão e divulgação da luta curda para fundamentar parâmetros acerca do processo revolucionário em curso em pleno Oriente Médio, aumentando assim nossas bases de conhecimento e estratégia, tendo em vista as lutas locais em várias instâncias com as quais a militância brasileira só tem a ganhar, tanto em termos de conhecimento como de práticas (COMITÊ, 2017).

Ainda sobre o fato de a produção ser independente e multimidiática, é válido pontuar que a experiência do fotógrafo e diretor Joey L. durante as gravações lhe rendeu também a publicação de um livro fotográfico impresso, intitulado *Nós viemos do fogo: fotografias da luta armada do Curdistão contra o ISIS*⁶ (tradução nossa), lançado em 2019.

Em 2017, o Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo anunciou que Joey daria início à pré-venda da obra (sendo, hoje, um material já em circulação oficial), alegando que esta afetaria dramaticamente sua distribuição ao redor do mundo, sendo um dos meios de fomentar a discussão sobre o povo curdo e a própria manutenção do fotógrafo e diretor como profissional independente e produtor de mídias alternativas.

A partir dos tópicos expostos, será contextualizada a situação curda simultaneamente à contextualização da obra audiovisual, elencando dados e referências teóricas. Em seguida, serão pontuadas reflexões acerca dos conceitos de sociedade da informação, globalização e mudanças tecnológicas e sociais interligadas às novas mídias e seus impactos culturais.

⁶ Título original: *We came from fire: photographs of Kurdistan's Armed Struggle Against ISIS*.

O DOCUMENTÁRIO, SUA LINGUAGEM E O CONTEXTO CURDO

O filme *Nascidos da urgência: Rostos da linha de frente contra o ISIS* (2017), escrito e dirigido pelo fotógrafo independente e diretor canadense Joey Lawrence (que assina os seus trabalhos como Joey L.), reporta, sob uma perspectiva direta e participativa, as lutas das guerrilhas curdas na linha de frente contra o Estado Islâmico em territórios da Síria e do Iraque.

Com 60 minutos de duração e sendo uma continuação de outra produção de Joey L., intitulada *Guerrilheiros do Curdistão*⁷ (2015, tradução nossa), *Nascidos da urgência* traz passagens feitas em plano geral e via drone, o que auxilia na contextualização visual dos locais retratados. Com narrações em *off*, feitas em primeira pessoa, ora em tom testemunhal, ora como quem faz parte do grupo mostrado (sendo esta modalidade predominante), o filme se inicia com imagens de uma cidade destruída. Joey conta, enquanto é apresentado o local: “Shengal, uma cidade sem residentes, apenas combatentes. O cenário de um genocídio. Depois de quinze meses de batalha interna entre forças curdas e militantes do ISIS, é assim que a vitória se parece”.

O diretor, que vem a ser um dos personagens do filme, explica questões dos conflitos desses lugares, ao mesmo tempo em que se passa uma trilha sonora de estética semelhante à das imagens registradas (em tom de constante e crescente tensão). O cenário é de desolação.

Figura 1: A cidade de Shengal (após as batalhas)



Fonte: fotograma de *Nascidos da urgência*

⁷ Título original: *Guerrilla fighters of Kurdistan*.

Joey, que até então não aparece visualmente, surge diante da câmera que ele mesmo está operando. O diretor conta sobre a última vez em que esteve na região e detalha as situações de guerra contra o ISIS⁸. Reforçando os fatos citados, na sequência vêm relatos de *peshmergas*⁹, em que especificam estratégias militares do inimigo (EI) e mostram as casas do povo *yazidi*¹⁰ destruídas pelas explosões.

Enquanto filma a si próprio (em *selfie*), o diretor gira 360 graus e fala: “Veja este lugar! Completamente dizimado!”. A trilha sonora segue na mesma estética, são incluídos mais relatos e narrações em *off* e há referências audiovisuais ao documentário anterior, de 2015. Nas imagens (provenientes do primeiro filme, conforme indicado na narrativa), é mostrada uma explosão a alguns quilômetros do local de gravação, ou seja, à distância. Nas passagens mais atuais, próprias do filme *Nascidos da urgência*, Joey se encontra no exato ponto da explosão, na presença de um *fixer*¹¹, que confirma o fato de que esse é o mesmo lugar das filmagens de 2015. Apesar do cenário e situações trágicas, Joey e o *fixer*, bem como alguns *peshmergas* presentes, conversam em tom descontraído sobre o ocorrido, comemorando o fato de não estarem naquela exata posição dois anos antes.

Com mais imagens sobrevoando a região montanhosa e voz em *off* de Joey L., ao mesmo tempo em que se segue a trilha sonora, ele conta que é necessário contextualizar o povo curdo. “Os curdos são considerados o maior grupo étnico do mundo sem um país próprio”, diz. O diretor explica as questões geográficas e políticas envolvidas enquanto há passagens mostrando o local e fotografias (feitas por ele) que retratam tal nação sem território. Joey continua: “Nos EUA, a direita política ama esses grupos curdos porque eles lutam contra o ISIS e têm sempre uma arma ao seu lado”. E então o documentário apresenta passagens do diretor trabalhando, captando imagens e fotografando mulheres curdas, como em um *making of*¹², um tipo de conteúdo que se repetirá ao longo do filme

⁸ ISIS significa *Islamic State of Iraq and Syria*. O Estado Islâmico (EI) também é chamado de *Daesh*, sendo esta expressão utilizada em tom pejorativo.

⁹ Combatentes do exército curdo. O termo representa literalmente “aquele que enfrenta a morte” (MELLO, 2017, p. 169).

¹⁰ Os *yazidis* “reúnem preceitos do zoroastrismo dos persas, do sufismo, ramo místico do islamismo e do cristianismo” (MELLO, 2017, p. 171). Ao longo da história foram vítimas de diversas opressões, sendo ainda presente a perseguição do Estado Islâmico. Em uma das cenas do documentário, um cidadão *yazidi* dá o seu relato sobre o genocídio ocorrido em agosto de 2014, enquanto caminha pela região que foi atacada novamente em 2017.

¹¹ O(a) *fixer* é uma pessoa local que atua como tradutor(a), às vezes motorista, mas principalmente termômetro cultural. Conhecedor(a) da política regional e das pessoas, ajuda o jornalista a entender os contextos das situações. “Sem ele, o jornalista não passa de um turista mal informado” (MELLO, 2017, p. 27).

¹² O *making of* é um registro de bastidores. Nele, é filmado ou fotografado o processo de produção, realização e repercussão de um produto audiovisual.

de forma intercalada com fotografias, passagens recentes, imagens de arquivo e filmagens em *selfie*.

Joey aponta uma questão crítica: a idealização em torno da figura da mulher curda no meio ocidental, cuja mídia apresenta eventos relacionados à população curda sob o viés do terrorismo ou de forma a caracterizar os grupos femininos até mesmo como inspirações de moda, algo relevante para observar de acordo com o conceito de *orientalismo*.

Edward Said (1990, p. 13) define orientalismo como "um modo de resolver o Oriente que está baseado no lugar especial ocupado pelo Oriente na experiência ocidental europeia". Ou seja, a Europa e o mundo ocidental colonizado consideram o Oriente como uma "ideia, personalidade e experiência de contraste", em viés de subordinação, o que leva a definições como a de exotismo e de encaixe do Outro como "primitivo, selvagem ou nativo".

Enquanto fotografa as *peshmergas*, o diretor comenta que “se você olhar além das páginas de revistas, verá que as mulheres são verdadeiras combatentes que vivem e morrem pela causa e não são objetos de propaganda”.

Figura 2: Combatente curda fotografada por Joey L.



Fonte: fotograma de *Nascidos da urgência*

A importância das mulheres na sociedade curda é conceituada em Pessuto (2017) e, no aspecto da representação audiovisual, abordada com mais detalhes em publicações anteriores (MIRANDA; MELLO; MAGNO, 2020).

Com mais imagens do povo curdo em combate e trilha sonora em constante tensão, o diretor pergunta para o(a) espectador(a): “O que um fotógrafo explorador como eu está fazendo andando com guerrilhas?”. Então Joey explica que na primeira viagem realizada com o fim de cobrir os eventos registrados, sentiu que mal havia “arranhado a superfície”.

Após contextualizações e explicações sobre o tema, o diretor brinca enquanto grava um vídeo em *selfie* no cenário de destroços: “essa é a parte em que eu ando com estilo, *aí* há uma explosão atrás de mim e eu a ignoro”, reforçando a linguagem descontraída que o documentário apresenta em diversos momentos, apesar do assunto esmiuçado se tratar de guerras, violências em variados sentidos e dificuldades sociais e políticas.

Joey aparece novamente trabalhando, fotografando mulheres curdas. Ele explica que a fotografia é uma mídia externa e “dependente do visual”. Em seguida, as *peshmergas* contam que tomaram do Estado Islâmico a região na qual se encontram (Shengal¹³) e que continuam em sua defesa. Enquanto são mostradas cenas intimistas, como a de todos reunidos em volta de uma fogueira, uma das combatentes explica que há diversas medidas de precaução, pois os membros do ISIS podem surgir novamente de diversas maneiras, inclusive disfarçados de moradores, o que as obrigam a tomar todos os cuidados possíveis. Nesse trecho do documentário, após as explanações acerca da defesa territorial, os registros são de momentos de hospitalidade das guerrilheiras curdas com Joey, como se ele fizesse parte do grupo ou fosse um visitante corriqueiro (uma definição válida, dada a experiência do diretor com o grupo na produção do primeiro documentário, *Guerrilheiros do Curdistão*, de 2015).

Em seguida, o filme apresenta o relato de um rapaz *yazidi* sobre a destruição do Estado Islâmico na região. Ele e o diretor caminham pela rua que, até o ataque que obrigou o povo *yazidi* a migrar para outros locais em busca de sobrevivência, era a de sua casa. A conjuntura é de destruição e o rapaz *yazidi* mostra a residência em que cresceu, agora reduzida a escombros e restos de incêndio. Joey segue filmando a reação do entrevistado enquanto ele examina o recinto, visivelmente desolado. Enquanto caminha, explica como o exército curdo do PKK¹⁴ salvou milhares de vidas *yazidis* no genocídio de 3 de agosto

¹³ Também denominada Sinjar, é uma cidade localizada ao norte do Iraque, próxima das Montanhas Sinjar e da fronteira com o Curdistão sírio (Rojava).

¹⁴ PKK (*Partiya Karkeren Kurdistan*): Partido dos Trabalhadores do Curdistão, fundado em 1974 por Abdullah Öcalan, na Turquia.

de 2014, completando que “eles foram os únicos que nos ajudaram”. Na sequência, Joey L. relata, enquanto caminha com os guerrilheiros curdos, que os *peshmergas* do PKK treinaram o povo *yazidi* para combate e apenas quando este passou a apresentar condições aceitáveis de autodefesa, se retiraram para prosseguir em suas lutas.

Figura 3: O rapaz yazidi em sua antiga casa



Fonte: fotograma de *Nascidos da urgência*

Entretanto, é válido pontuar a contextualização da jornalista Patrícia Campos Mello (2017, p. 135), que afirma ser a YPG e a YPJ¹⁵ os grupos responsáveis pelo resgate do povo *yazidi* no evento comentado. Ou seja, mais de uma organização curda é indicada como responsável pelo resgate dos *yazidis*.

O rapaz *yazidi* também compara o exército turco ao ISIS e comenta que ambos são igualmente violentos com o povo curdo. Após a sua fala, o diretor Joey L. diz que “eles todos (*os yazidis*) já fugiram do ISIS, mas agora, são os jihadistas que fogem deles”. Na sequência, Joey mostra cenas de combate (sob o ponto de vista do exército curdo) em que os curdos tomam a região e cravam a sua bandeira. Há cenas de jihadistas mortos no chão, Joey mostra seus documentos (apanhados de seus bolsos) e detalha informações sobre tais indivíduos, como nomes (falsos ou não), de quais lugares vieram e outros dados.

Joey L. explica a questão da Turquia com os curdos e o ISIS: há uma permissão na fronteira entre a Turquia e a Síria em que o governo turco facilita a entrada de membros

¹⁵ YPG: Unidades de Defesa Popular (exército de Rojava, nome dado ao Curdistão sírio), organização criada em 2004 e que veio a público em 2011. YPJ: Unidades de Defesa das Mulheres (exército curdo feminino de Rojava, composto exclusivamente por mulheres, criado em 2013). Ambos os grupos são provenientes do Partido de União Democrática (PYD). Informações do Comitê de Solidariedade Curda de São Paulo (COMITÊ, 2017).

do EI. Desta forma, os *jihadistas* se encarregam de dizimar os curdos, já que esses são um problema para o governo turco. Ainda sobre o Estado Islâmico, Joey afirma que “em nossa mídia ocidental, gostamos de falar do ISIS como se fosse um vilão de James Bond”, empregando novamente um tom descontraído à situação.

O diretor mostra aos curdos como o drone funciona, há momentos de lazer entre eles e, após, Joey relata que o lugar no qual adentrarão não é comandado pelo governo sírio, mas pela YPG e YPJ: esta região é denominada Rojava. Ele aproveita para explicar que esses dois grupos são provenientes do PKK, pelo fato de terem surgido da ideologia de Abdullah Öcalan, apesar de se intitularem independentes. Joey mostra a região e relata que um espaço sem batalha vigente como esse (protegido pela YPG e YPJ) “te faz sentir um pouco de volta à ‘normalidade’” e que é possível experienciar algum tipo de segurança em tal região, cuja responsabilidade de (auto)gestão e defesa pertence ao exército curdo sírio.

As mulheres da YPJ explicam que o Islã e o Corão não são da forma que o Estado Islâmico propaga (de forma a diminuir moralmente a mulher, entre outros conceitos erroneamente impostos). Elas dizem que o significado de ser muçulmano é algo muito distinto dessa ideia que vem a ser um estereótipo da religião, sobretudo no Ocidente. Essas mesmas *peshmergas* falam sobre a imposição da *sharia*¹⁶ (segundo a interpretação do EI) e riem com Joey ao conversarem sobre fé e crenças e que ateus como eles seriam “cortados em pedacinhos”.

Em seguida, os membros da YPG conversam sobre a heterogeneidade entre eles: há árabes, curdos e pessoas de diversas etnias e doutrinas. Explicam que contra o ISIS há muitos povos, entre eles cristãos, árabes, curdos, muçulmanos e outros. E, então, Joey mostra um tanque de guerra feito de material reciclável, enfatizando a necessidade de criatividade na organização da luta, pois na região há um embargo que só permite que eles utilizem recursos presentes ali. Tal ênfase também é empregada quando são mostradas as armas dessas equipes de defesa e são contadas as histórias por trás delas: boa parte do equipamento bélico é proveniente do próprio Estado Islâmico, cujas armas são apanhadas pelos grupos curdos quando os *jihadistas* morrem no confronto. A falta de estrutura e apoio para os curdos fica evidente em situações como essas exibidas e comentadas no documentário.

¹⁶ A *sharia* é a lei islâmica que faz parte da fé derivada do Alcorão e do Hadith (sendo este uma coletânea de palavras e atos de Maomé que complementa o Alcorão).

Figura 4: O diretor participando de uma reunião curda



Fonte: fotograma de *Nascidos da urgência*

Joey L. filma a si mesmo tomando chá com os curdos e fala que, antes de qualquer coisa, “nós tomamos um chá, para lembrar de nossos princípios”, notadamente usando a primeira pessoa como pronome de tratamento. E então são mostradas cenas de tensão, em que um carro suicida vem em direção ao grupo e explode a uma distância segura.

O diretor aproveita o acontecimento para explicar como funciona a lógica do pensamento de um membro do ISIS: lhe é ensinado que tais ataques à própria vida valem a pena, pois há uma existência muito melhor “do outro lado”. Desta forma, o Estado Islâmico também incentiva a filmagem dos ataques-bomba, como uma forma de glorificá-los, conceitua Joey L. “Nada é comparado ao paraíso eterno que o aguarda no além”, completa, referindo-se ao raciocínio imposto a um integrante do *Daesh*, que passa a fazer parte do grupo devido a diversos fatores. Com disseminação de discursos sobretudo pela internet, o ISIS apresenta “uma fórmula, infelizmente, bem-sucedida em alguns casos, em especial no seio das comunidades muçulmanas empobrecidas que vivem na periferia das grandes cidades da Europa” (APOLLONI, 2015).

O diretor prossegue a viagem e, enquanto passa por Kobane (Síria), relata que é uma cidade “agora famosa pela destruição causada pelo ISIS enquanto todo o mundo só assistia”, apontando a crítica situação geopolítica do povo curdo, ignorado pelas potências e atores internacionais. Quando não ignorados, os curdos são considerados terroristas pela mídia comercial ocidental e pelas autoridades governamentais (principalmente os EUA, que inclusive já se utilizou da luta curda com o fim de derrotar o Estado Islâmico), embora

sejam os maiores responsáveis pelo combate ao ISIS, o que auxilia a comunidade internacional como um todo.

Entre outras contextualizações por meio de fotografias, trilha sonora, narrações em *off*, passagens de acontecimentos e registros de guerrilheiros em suas rotinas de combate, Joey L. se posiciona (individualmente e como profissional) em relação aos conflitos por meio de um relato:

Como um fotógrafo independente que sabe decidir quando um projeto acaba e deve-se ir para casa, tenho que admitir que, desta vez, senti uma grande culpa enquanto fazia minhas malas e partia. Eu posso ir e voltar quando quiser, enquanto esses combatentes fizeram uma promessa de não recuar. Os escombros de guerra que defendem com suas vidas podem ser somente o que separa o ISIS de suas famílias, mas eles estão atuando como um escudo para o restante do mundo.

O documentário é finalizado dentro do apartamento de Joey, em Nova York (onde o fotógrafo vive). Enquanto seguem passagens de Joey em sua residência, que também é um estúdio profissional, revelando as fotos que registrou durante a viagem, ele conta em narração *off*:

No momento em que eu senti para gravar essas narrações, seguro em casa, ainda mais combatentes da linha de frente poderiam perder suas vidas. É difícil não ficar humilde. Algumas pessoas podem pensar que é estranho achar um farol de reforma secular no coração de tão brutal e sectário conflito. Podem dizer que esse é o último lugar do mundo que se espera ver tal coisa. Mas é exatamente assim que novas ideias são construídas. Elas nascem da urgência. São o fogo que varreu essa região e mudou tudo. O ISIS dividiu esses movimentos primeiramente, mas é essa ameaça crescente que os une novamente. Claro, tudo pode facilmente colapsar amanhã. Esses grupos serão testados com tarefas mais difíceis do que lutar. A maior de todas é transcender a etnia, diferenças religiosas e bagagens históricas. É impossível prever qual rumo essa guerra errática vai tomar a seguir. Quando o ISIS se for, a verdadeira guerra pode estar apenas começando. Parece que os destruidores da história ainda vão ter o trabalho de silenciar os mais novos autores da história mundial.

Figura 5: Joey L. em seu apartamento em Nova York



Fonte: fotograma de *Nascidos da urgência*

A conclusão de Joey L. e sua obra se relacionam com a reflexão de Baccega (1998, p. 3) acerca de narrativas como essa, já que “tomamos conhecimento dos outros fatos que ocorrem no nosso pequeno universo ou dos que ocorrem fora dele - e na ampliação desse universo os meios de comunicação exercem um importante papel - através de relatos”. Sendo assim, as tecnologias, as mídias disponíveis hoje e o atual modelo de troca de informações influenciam diretamente na forma com que tais histórias são disseminadas.

FORMATO ADOTADO NA OBRA E A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

Além de pautar e detalhar a situação curda, debatida com pouca frequência e profundidade na mídia ocidental, o documentário de Joey L. levanta reflexões acerca de sua linguagem, sua relação tanto com a região e sociedade retratadas quanto com o mundo globalizado (afinal, a discussão é ampla e envolve diversos atores internacionais) e de seu papel como produto audiovisual.

Muniz Sodré (2008, p. 11) explica que a comunicação, antes “centralizada, vertical e unidirecional”, atualmente é calcada na interatividade e no multimídia, características a serem observadas em *Nascidos da urgência: Rostos da linha de frente contra o ISIS*, que abrange mídias como fotografia, áudio e vídeo em diversos estilos dentro do mesmo produto, sendo este realizado de modo independente, alternativo às mídias tradicionais (tratando-se de viabilização e também de divulgação, já que o documentário desde o princípio foi disponibilizado via internet) e com integral participação do próprio diretor na narrativa.

Sodré (2008, p. 11) aponta que as tecnologias denominadas “pós-midiáticas” tornam possível o fluxo intenso de deslocamentos de capitais e informações do mundo globalizado, embora a globalização não tenha “poderes universais de uniformização”, já que os investimentos se concentram em determinadas regiões do mundo. Sobre a distribuição de capital e informação, Sodré diz:

No mercado, o termo informação recobre uma variedade de formas (filmes, notícias, sons, imagens, dígitos etc), definidas em última análise como "fontes de dados" e economicamente caracterizáveis como produtos. Sobre este último tipo de informação incide principalmente a mutação, que favorece o intercâmbio ampliado e acelerado entre nações. Sobre os novos produtos não paira mais o temor - típico dos anos 1960 e 1970 - de destruição da “alta cultura” por uma suposta homogeneização inapelável da “cultura de massa”, uma vez que as fronteiras entre ambas se apagam diante da onda planetarista da globalização ou da chamada “sociedade da informação”, indiferente a tudo que não seja a velocidade de seu processo distributivo de capitais e mensagens. (SODRÉ, 2008, p. 12)

Nesse contexto, o modo com que a sociedade da informação vem operando envolve também (e principalmente) o conceito de *tempo*. Devido à aceleração da circulação de dados, bem como a estocagem desses em grandes volumes, surgem novos canais e “a ilusão da ubiquidade humana” (SODRÉ, 2008, p. 14). Tal ubiquidade (ou onipresença) conecta-se com a ideia de visibilidade mediada de Thompson, que afirma:

Nessa nova forma de visibilidade mediada, o campo da visão não está mais restrito às características espaciais e temporais do aqui e agora, ao invés disso molda-se pelas propriedades distintivas das mídias comunicacionais, por uma gama de aspectos sociais e técnicos (como angulações de câmera, processos de edição e pelos interesses e prioridades organizacionais) e por novas formas de interação tornadas possíveis pelas mídias (THOMPSON, 2008, p. 21).

As novas interações, estabelecidas pelas mídias comunicacionais, “ampliam” ou “comprimem” o tempo e apresentam características espaciais distintas do contato face a face. Sendo assim, é possível “interagir com pessoas que não compartilham do mesmo referencial espaço-temporal que nós” (THOMPSON, 2008, p. 18), o que leva a uma outra dimensão da realidade. Novas formas de perceber, pensar e contabilizar o real surgem, como conceitua Sodré:

Impulsionadas pela microeletrônica e pela computação ou informática, as neotecnologias da informação introduzem os elementos do *tempo real* (comunicação instantânea, simultânea e global) e do *espaço virtual* (criação por computador de ambientes artificiais e interativos), tornando “compossíveis” outros mundos, outros regimes de visibilidade pública (SODRÉ, 2008, p. 16).

Dadas as novas formas de “agir e interagir” e as novas percepções acerca da questão espaço-temporal, Thompson (2008, p. 20) pontua que passa a existir um “conhecimento não-local”, ao qual os usuários das mídias têm cada vez mais acesso e “que podem incorporar, de maneira reflexiva, em seus processos de reconstrução pessoal”. Sendo os indivíduos cada vez mais capazes de absorver informações e conteúdos simbólicos de fontes distantes e que não fazem parte da vida cotidiana, retomase a experiência do documentário de Joey L, sob o ponto de vista de todos que o acessam via internet.

Nesse sentido, Bosi complementa a discussão definindo o caráter do “relato” (como a obra *Nascidos da urgência*, que se mostra uma espécie de relato documental do diretor), um potencial gerador de estereótipos, pelo fato de que:

Conhecemos algumas pessoas, algumas coisas, alguns pedaços de paisagens, de ruas, alguns livros. Presenciamos alguns fatos, mas não presenciamos a maior parte dos fatos sobre os quais conversamos. Confiamos, porém, nas pessoas que viveram e presenciaram esses fatos, e o pensamento e o discurso *quotidiano* se alimentam dessa confiança social (BOSI, 2003, p. 115).

Portanto, por mais interna (em relação à comunidade curda) que a visão transmitida no documentário de Joey L. possa parecer ou buscar ser, ainda assim trata-se de uma *reapresentação* dos fatos, como conceituado por Sodré (2008, p. 16). E sendo tal *reapresentação* passível de ser distorcida por quem a consome, chega-se à definição de “relato”, segundo Lippmann (1970, p. 150), que o coloca como um “produto conjunto do conhecedor e do conhecido no qual o papel do observador é sempre seletivo e geralmente criativo”.

Sendo assim, “os fatos que vemos dependem da posição em que estamos colocados e dos hábitos de nossos olhos” (LIPPMANN, 1970, p. 150), o que está diretamente ligado a conceitos como formações culturais, valores preestabelecidos e estereótipos, aos quais todos estão sujeitos, “como se a nossa percepção das coisas fosse,

mais do que uma recepção, uma construção, uma tarefa sobre o mundo” (BOSI, 2003, p. 115).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em busca da retratação dos fatos mencionados acerca do povo curdo, suas lutas e contextualizações históricas e geopolíticas da forma mais direta e próxima à realidade em questão (apesar de todo relato ser imbuído pelas subjetividades de quem o tece, como abordado durante a discussão), *Nascidos da urgência: Rostos da linha de frente contra o ISIS* mostra-se uma obra influenciada pelas novas conexões midiáticas e modos de funcionamento da sociedade da informação.

Segundo a definição do Comitê de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo (2017):

O rigor jornalístico é acima da média incluindo questões como as do genocídio *yázi*, explicações sobre o exército de mulheres (YPJ) e a jineologia (ciência feminista curda) denunciando – como não poderia deixar de fazer – a cumplicidade do Estado da Turquia com o ISIS na Guerra da Síria. (...) Sem os constrangimentos típicos da mídia convencional, ele conseguiu trazer uma visão profundamente pessoal do que está acontecendo nessas áreas (COMITÊ, 2017).

Como descreve o próprio Comitê, Joey L. permite que curdas e curdos “falem por si mesmos em boa parte do filme, diminuindo distâncias e rompendo barreiras físicas e ideológicas”. Sendo assim, o documentário cumpre o seu papel de aliado do povo retratado, graças ao seu formato, abordagem e escolhas narrativas do diretor. Ainda que dirigido e produzido por um ocidental, difere-se de obras ocidentais de viés imperialista sobre tal etnia e, de modo geral, sobre o Oriente Médio, de forma a auxiliar na quebra de estereótipos acerca de tais representações.

REFERÊNCIAS

APOLLONI, Rodrigo Wolff. O que há por trás do terror: Estado Islâmico seduz jovens com a promessa de uma vida “santa”. **Gazeta do Povo**, 14 nov. 2015. Disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/mundo/estado-islamico-seduz-jovens-com-a-promessa-de-uma-vida-santa-aghkjdfrcw0bgilgbdjsjnboz2/> . Acesso em 11 de agosto de 2021.

BACCEGA, Maria Aparecida. O estereótipo e as diversidades. In: **Comunicação & Educação**, n. 13, dez. 1998, pp. 7-14.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória:** ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

COMITÊ de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo. Glossário. In: DIRIK, Dilar *et al.* **A revolução ignorada:** Liberação da mulher, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio. São Paulo: Autonomia Literária, 2017, pp. 8-12.

COMITÊ de Solidariedade à Resistência Popular Curda de São Paulo. Documentário: Born From Urgency – Nascidos da Urgência. **El Coyote**, 20 nov. 2017. Disponível em: <http://elcoyote.org/documentario-born-from-urgency-nascidos-da-urgencia/>. Acesso em 11 de agosto de 2021.

LIPPMANN, Walter. Estereótipos. In: STEINBERG, Charles S. (Org.). **Meios de comunicação de massa.** São Paulo: Cultrix, 1970, pp. 149-159.

MELLO, Patrícia Campos. **Lua de mel em Kobane:** uma história de amor improvável em meio à barbárie da Guerra da Síria. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MIRANDA, Juliana Santoros; MELLO, Jamer Guterres de; MAGNO, Maria Ignês Carlos. Mulheres curdas sob a perspectiva cinematográfica: uma discussão sobre o filme *Filhas do Sol*. In: 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação (virtual), 2020. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <http://www.intercom.org.br/sis/eventos/2020/resumos/R15-2827-1.pdf>. Acesso em: 11 de agosto de 2021.

NAVARRO, Roberto. Qual é o maior povo sem país? **Superinteressante**, 4 jul. 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/mundo-estranho/qual-e-o-maior-povo-sem-pais>. Acesso em 11 de agosto de 2021.

PESSUTO, Kelen. **Made in Kurdistan:** Etnoficção, infância e resistência no cinema curdo de Bahman Ghobadi. 2017. 401 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

SAID, Edward W. **Orientalismo:** O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

SODRÉ, Muniz. O Ethos Mídiatizado. In: SODRÉ, Muniz. **Antropológica do Espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede.** Petrópolis: Vozes, 2008, p. 11-82

THOMPSON, John B. A nova visibilidade. **MATRIZES**, v. 1, n. 2, p. 15-38, 15 abr. 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p15-38>

VÁZQUEZ, Jordi. Pinceladas sobre o Curdistão. In: DIRIK, Dilar *et al.* **A revolução ignorada:** Liberação da mulher, democracia direta e pluralismo radical no Oriente Médio. São Paulo: Autonomia Literária, 2017, pp. 35-50.